
**MORTE E TELEJORNALISMO: PONDERAÇÕES SOBRE A COBERTURA
DO JORNAL DA BAND NA MORTE DE RICARDO BOECHAT**

DEATH AND TV JOURNALISM: CONSIDERATIONS ON JORNAL DA BAND'S

COVERAGE OF RICARDO BOECHAT'S DEATH

MUERTE Y PERIODISMO TELEVISIVO: CONSIDERACIONES SOBRE LA COBERTURA DE

JORNAL DA BAND SOBRE LA MUERTE DE RICARDO BOECHAT

MICHELE NEGRINI¹

BIBIANA DE MORAES DIAS²

Submissão: 15/08/2021

Aprovação: 18/08/2021

Publicação: 01/12/2021

¹ Jornalista. Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS. Doutora em Comunicação pela PUCRS. Pós-doutora pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, da UFBA. Professora da Universidade Federal de Pelotas. Integrante do núcleo de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele).

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-2999-0186> E-mail: mmnegrini@yahoo.com.br

² Jornalista; pós-graduada em Docência do Ensino Superior pela UNIDERP; mestranda em Comunicação e Informação no Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRGS.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-0074-4184> E-mail: bibianamdias@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a cobertura do Jornal da Band em relação à morte do jornalista Ricardo Boechat. Para isso, foram dispensados olhares sobre uma edição do telejornal, e posteriormente foi feita uma análise sobre os sentidos presentes na edição em questão. Em nível teórico-metodológico, nos alinhamos às perspectivas da Teoria Geral do Imaginário. E selecionamos como corpus a edição do telejornal do dia 11 de fevereiro de 2019, data em que aconteceu o acidente de helicóptero que levou à morte de Boechat.

Palavras-chave: Imaginário. Ricardo Boechat. Telejornalismo. Morte. Jornal da Band.

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the coverage of Jornal da Band in relation to the death of journalist Ricardo Boechat. For that, looks were dispensed a newscast edition, and later an analysis was made on the meanings present in the issue in question. At the theoretical-methodological level, we align ourselves with the perspectives of the General Theory of the Imaginary. And we selected as the corpus the edition of the newscast on February 11, 2019, the date on which the helicopter accident that led to Boechat's death took place.

Keywords: Imaginary. Ricardo Boechat. Telejournalism. Death. Jornal da Band.

RESUMEN

El propósito de este artículo es analizar la cobertura de Jornal da Band en relación a la muerte del periodista Ricardo Boechat. Para ello, se dispensaron miradas sobre una edición del noticiero, y posteriormente se hizo un análisis de los significados presentes en el tema en cuestión. A nivel teórico-metodológico, nos alineamos con las perspectivas de la Teoría General del Imaginario. Y seleccionamos como corpus la edición del noticiero del 11 de febrero de 2019, fecha en la que ocurrió el accidente de helicóptero que provocó la muerte de Boechat.

Palabras clave: Imaginario. Ricardo Boechat. Teleperiodismo. Muerte. Jornal da Band.

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Vencedor de três prêmios Esso de Jornalismo, Ricardo Boechat foi um dos grandes nomes do jornalismo brasileiro. Em seu currículo constam expoentes como o Globo, Jornal do Brasil e O Estado de São Paulo¹. Ele também trabalhou no telejornalismo, com atuações marcantes no Bom Dia Brasil, da Rede Globo, e no Jornal da Band, do qual era âncora até o seu falecimento, no dia 11 de fevereiro de 2019, aos 66 anos de idade.

Em relação aos prêmios, de acordo com informações do Portal Terra, o primeiro Esso recebido por Boechat foi em 1989, pela realização de uma reportagem acerca de corrupção na empresa Petrobrás. Os outros dois foram em 1992 e em 2001. O de 1992 foi em nível de Informação Política. E o de 2001 na categoria de Informação Econômica². O Terra ainda destaca que Ricardo também foi vencedor de outras condecorações, como um White Martins de Imprensa e nove Comunique-se (em 2007, em 2010 e em 2012, premiado na categoria âncora de TV; em 2006, em 2008 e em 2010, recebendo o prêmio como apresentador/âncora de rádio; e em 2008, em 2010 e em 2012, premiado como colunista de notícia).

Boechat começou a sua carreira no jornalismo no Diário de Notícias, ainda na década de 70. No decorrer dos anos, passou por outros veículos e, no ano de 1997, começou a trabalhar como comentarista do Bom Dia Brasil, da Rede Globo³. De acordo com o site Meio&Mensagem, em 1997, Boechat se consolidou na perspectiva do colunismo econômico e político. No âmbito do trabalho de comentarista, ele se caracterizou por suas opiniões fortes e contundentes. O site ainda aponta que Boechat saiu do Grupo Globo na virada do milênio⁴.

Meio&Mensagem destaca que, em 2001, Boechat continuou trabalhando com colunismo político no Jornal do Brasil e que também foi, naquela época, colunista do Jornal

¹ Fonte: <https://gente.ig.com.br/cultura/2019-02-11/ricardo-boechat-fotos-momentos.html>

² Fonte: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/ricardo-boechat-acumulou-premios-em-quase-50-anos-de-carreira-relembre.27d16dd0d06a125a0d6cbe08e7a9a40cvzmeqr2z.html>

³ Fonte: https://www.ebiografia.com/ricardo_boechat/

⁴ Fonte: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/02/11/reveja-a-trajetoria-do-jornalista-ricardo-boechat.html>

do SBT. Como um bom colunista, Boechat teve êxito na demonstração de suas opiniões no desempenho do trabalho de apresentador do Jornal da Band, função que começou a exercer em 2006 e depois, passou a ser âncora na Band News FM⁵.

No grupo Bandeirantes, de acordo com o Ebiografia, Ricardo apresentava pela manhã um programa de rádio, na BandNews FM, e à noite apresentava o Jornal da Band para suprir as ausências de Carlos Nascimento, passando, com o tempo, a ser o âncora titular do programa até a sua morte. Na apresentação do Jornal da Band, Boechat marcou seu trabalho pela postura contundente e analítica frente aos fatos. Como em uma edição do Jornal da Band⁶, de janeiro de 2019, na qual o jornalista criticou fortemente o filho do presidente da república e também político, Flávio Bolsonaro, pela postura que teve no andamento do caso Coaf⁷. Durante a dura crítica, o jornalista lhe fez uma cobrança explícita: “Pessoas que não têm o que temer e não devem nada à lei, não temem, portanto, que depoimentos a autoridades possam se constituir em arapucas. O deputado e senador eleito está devendo uma explicação”. A trajetória de Boechat também foi marcada pela irreverência, sendo pertinente dizer que unia o bom humor com análises fortes e contundentes.

Com uma carreira jornalística consolidada e sendo o âncora de um dos principais telejornais do país, o Jornal da Band, Boechat, por ocasião de sua morte, foi pauta nos mais diversos veículos de comunicação do país e ganhou destaque no espaço telejornalístico. Cabe apontar que o Jornal da Band do dia da morte foi perpassado pela emoção da perda de um “amigo”. Visualizamos, também, toda a comunidade jornalística falando da perda de um de seus membros queridos.

⁵ Fonte: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/ricardo-boechat-acumulou-premios-em-quase-50-anos-de-carreira-relembre,27d16dd0d06a125a0d6cbe08e7a9a40cvzmeqr2z.html>

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=94qQAmdhCzo>

⁷ O DCM explicou o caso: “Um relatório do Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf) identificou uma série de transações financeiras atípicas em contas de assessores de parlamentares, entre eles, o deputado estadual e senador eleito Flávio Bolsonaro (PSL), filho do presidente eleito Jair Bolsonaro (PSL)”. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/caso-coaf-entenda-a-investigacao-que-envolve-a-familia-bolsonaro/>

No caso do Jornal da Band tratando da morte de Boechat, nos deparamos com o olhar dos jornalistas atuando na cobertura da morte de um colega de profissão. Desta forma, temos como objetivo observar o que foi manifestado em questão (Durand, 1993) de forma a entender como se dá a articulação de um telejornal frente à perda de um de seus membros mais destacados.

Entendemos que, com a observação de apenas uma edição do telejornal não é possível traçar algo próximo de um trajeto antropológico ou observar o perfil da emissora como um todo, nem esta é a intenção do presente trabalho. Com a pesquisa aqui desenvolvida, buscaremos observar os sentidos presentes na produção analisada, a partir da morte do jornalista e da forma como o telejornal lidou com ela.

É notável a necessidade de buscarmos um olhar mais atento aos enunciados dos telejornais brasileiros e à comunicação como um todo, detendo-nos nos sentidos manifestados nas produções jornalísticas e que nos parecem invisíveis sem um olhar mais aprofundado. Desta forma, a fim de suprir e responder os anseios de pesquisa colocados acima, realizaremos uma análise da cobertura do Jornal da Band, emissora à qual Boechat era vinculado, no dia da tragédia.

Ao trabalharmos com as imagens e a influência destas, fazem-se necessárias algumas conceituações, como a respeito daquilo que entendemos por imaginário, com base em Durand (1993), vemos o imaginário como um museu que abriga as imagens simbólicas. Ainda, Durand (1997, p. 18) elucida:

[O imaginário é] o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do Homo sapiens [e] aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano.

Os símbolos, tópicos essenciais e centrais de nosso trabalho, são entendidos como representações que designam algo até então ausente ou inacessível, com base em Durand

(1993). O autor ainda ressalta a inadequação característica do símbolo e o seu caráter de redundância, de forma que uma representação só se torna símbolo através da repetição. É a fim de subdividir os símbolos pelas suas temáticas e tendo a chamada “equilibração” (Durand, 1997) como combustível, que surgem os Regimes da Imagem⁸, divididos principalmente entre Regime Diurno e Regime Noturno, cada qual agrupando uma infinidade de símbolos que se assemelham e aproximam por homologia.

Para desenvolvermos reflexões sobre a cobertura do Jornal da Band em relação à morte de Boechat, além de observações sobre o imaginário, apontamentos sobre a significação da morte também se fazem pertinentes.

A SIGNIFICAÇÃO DA MORTE

A morte é um assunto que evoca diversos olhares, interpretações e costumes. Fora do campo biológico, é um tema amplamente relacionado com as características de cada cultura e com cada período histórico. Crenças religiosas também interferem nas concepções sobre o fim da vida. Negrini (2010, p.153) faz ponderações sobre as significações da morte a partir de Simmel (2009):

A morte é um dos temas mais delicados e controversos da história cultural da humanidade. É um elemento estrutural para o entendimento do homem, pois o ser humano só se reconhece a partir da aceitação de sua finitude. A vida está estreitamente ligada com a significação que se atribui à morte. A concepção que o homem tem de vida e a que tem de morte fazem parte de um único comportamento fundamental. Com o reconhecimento da morte, a vida se torna mais plena, a consciência do fim embasa um olhar diferenciado sobre o presente, dando forma à vida. A adaptação com a ideia de morte oferece bases para a vivência (SIMMEL, 1998).

⁸ O Regime Diurno é caracterizado como masculino e heroico, com ideias de batalha, identidade e contradição. Já o Regime Noturno é feminino e místico, com imagens simbólicas ligadas aos sentimentos e à intimidade (PITTA, 1995).

Em relação ao entendimento da morte, os seres humanos são os únicos que têm a certeza dela e que praticam ritos fúnebres. As formas de viver dos homens têm amplas relações com o conhecimento do fim. De acordo com o pensamento de Dastur (2002), o entendimento que as pessoas têm do próprio fim é que torna viável a relação dos humanos com a própria mortalidade. Desta forma, o morrer é um atributo essencial da espécie humana e dá suporte para a sua constituição.

Edgar Morin (1988), em reflexões sobre o fim da vida, enfoca que é complexo o entendimento do homem sem o entendimento da morte, pois são as atitudes diante do fim da vida que marcam as diferenças humanas em relação aos outros seres vivos. A morte é a imagem do homem, e quando este vai olhá-la, ele observa a si próprio (MORIN, 1988). “De qualquer modo, *a morte penetra, enraíza-se no mistério que é simultaneamente o mistério da Matéria e da Vida*. Para o homem, a morte faz parte da teia do seu mundo, do seu ser, do seu espírito, do seu passado e do seu futuro”. (MORIN, 1988, p.325; grifo do autor).

Edgar Morin (2005) ainda diz que é na morte que se dá a maior ruptura entre o espírito humano e o mundo biológico. “Na morte, encontram-se, chocam-se, ligam-se o espírito, a consciência, a racionalidade e o mito” (MORIN, 2005, p. 45). O autor aponta que é na morte que o homem constrói o entendimento de si. É na consciência da própria finitude que o homem se diferencia dos outros seres vivos.

Em relação ao fim da vida, um espaço que comumente aborda o assunto são os meios de comunicação. Nesta seara, Morin (1997) afirma que é através da cena midiática que o homem vivencia, com toda a segurança, a experiência da insegurança; vivencia, de forma pacífica, situações de guerra, de homicídio e passa pela experiência da morte. A morte apresentada nos meios de comunicação possibilita que o homem vivencie a morte, que tenha experiências em relação a ela. “Os grandes criminosos são, portanto, literalmente, os bodes expiatórios da coletividade” (MORIN, 1997, p. 115).

Para Barbosa (2004), na contemporaneidade há uma nova forma de ver a morte e essa representação é guiada pelos meios de comunicação. Os meios, na concepção da autora, mostram como devem ser os rituais diante da morte, os lugares de preservação da lembrança e os aspectos que devem ser levados em consideração em relação à finitude. Eles levam a morte até as casas dos espectadores e constroem o imaginário da morte, fazendo com que ela se torne pública.

Na mídia não há mais leito, não há mais sofrimento. Os rituais ganham espaço com seu caráter mais dramático e excessivo. A vivência da morte, no espaço privado, dá espaço à contemplação do espetáculo midiático. Perante a cena da mídia, a comoção é aceita e permitida. É permitido chorar, não só pelas pessoas próximas, mas pelo desconhecido.

No mundo contemporâneo, marcado pelo individualismo, a morte deixa de ser gradativamente familiar e próxima, para ser cada vez mais a morte do outro. [...] Diante da cena midiática é espetáculo banal, mesmo que os gestos ritualizados devam ser dramáticos. O que importa são os instantes que antecedem ao desfecho previsível. Seja a crueldade, o assassinato frio e calculista, seja a doença interminável. Ambos interrompem uma trajetória (BARBOSA, 2004, p. 3).

Barbosa (2004) salienta que a televisão, nas suas transmissões cotidianas, constrói duas perspectivas de mortos: o morto comum, que é objeto da violência corriqueira, e o morto notável, que teve a sua vida dotada de atos evidentes. A autora enfatiza que são as mortes de pessoas notáveis que aparecem como objetos das cerimônias da televisão. É destacada como espetáculo midiático a trajetória do morto quando era vivo, sendo mostrada como algo exemplar, que merece ser lembrada e cultuada. É característica do discurso midiático o enaltecimento das características “positivas” do falecido, a ponto de torná-lo um herói diante do público, o que pode causar identificação.

A morte de alguém comum, para ganhar espaço midiático, tem que ser uma morte fortuita, uma ruptura, que tenha aspectos que possam tocar na intimidade do ser humano. A

morte midiática não é corriqueira, ela é imprevisível, violenta e tem que significar uma ruptura.

No caso da morte violenta, a mídia explora o espetáculo da brutalidade que ocasiona a morte. Diante de um quadro de guerra urbana e de desigualdade social, que leva cotidianamente à proliferação da morte, os meios de comunicação têm um conjunto de elementos a sua disposição para construção de um espetáculo (BARBOSA, 2004). Toda a violência, que vai ocasionar a morte, passa a fazer parte do enredo midiático.

A presença de *fait divers* no espaço da mídia se justifica pelo valor emocional que eles têm para os espectadores. Vivenciando os crimes, as tragédias e a morte através da mídia, os espectadores encontram os seus sonhos menos conscientes. As estruturas dos fatos variados estão relacionadas com as estruturas do imaginário do homem (MORIN, 1997).

E no caso da morte de Ricardo Boechat, os jornalistas se viram diante da necessidade de falar de outro jornalista. Aqueles que levam ao ar a morte tiveram que tratar do falecimento de um membro de sua comunidade. Não só a Band, emissora em que Boechat trabalhava, divulgou o tema. Outras emissoras de TV levaram o assunto ao ar. E é sobre o imaginário do meio jornalístico tratando da morte do jornalista da Band que recai nosso interesse investigativo.

OLHARES METODOLÓGICOS

Para desenvolvermos as análises deste trabalho, a fim de compreender melhor o perfil da Band através das imagens simbólicas manifestadas em suas produções, e com intenção de desvencilharmo-nos de olhares unicamente técnicos e objetivos, utilizaremos a metodologia alinhada às perspectivas da Teoria Geral do Imaginário. Desta forma entramos em acordo com Leal e Lins (2017, p. 43), e:

entendemos que no jornalismo, os profissionais envolvidos na produção dos telejornais são atores sociais que compartilham um quadro de imagens, não apenas materiais, concretas, palpáveis e visíveis aos olhos, mas também constituídas de matéria subjetiva e povoadas por imagens, símbolos e mitos, elementos aparentemente distantes de uma lógica “objetiva”, tão difundida pela mídia como bandeira de isenção e credibilidade, mas que acreditamos poder influir diretamente no ângulo de produção e construção da notícia.

Ter o imaginário como o suporte teórico-metodológico deste trabalho nos abre portas para que pensemos a comunicação de uma forma diferente, a partir do caráter simbólico inerente a todas as produções do ser humano. Sobre isso, Barros (2018, p. 22) explica: “[...] por não constituir uma propriedade empírica e estável, o simbólico não pode ser apreendido pelas metodologias centradas no trabalho racional sobre os dados”.

É com base nessa reflexão que optamos pela realização de uma metodologia, que de acordo com Barros (2019, p. 47), se aplica aos estudos de Comunicação na possibilidade de utilizá-la “[...] como uma técnica de análise de conteúdo que busca identificar metáforas obsessivas ou mitemas – repetições metonímicas do mito que é objeto da narração geral que se estuda, de modo que cada fragmento reflete o todo – em dado recorte de pesquisa.”

Assim, como passo inicial de nosso trabalho, assistiremos novamente à edição do telejornal em questão a fim de observá-la de maneira detalhada, com o objetivo de perceber o que está sendo manifestado, de forma a entender como o imaginário está agindo nestas produções técnicas. A pesquisa tem caráter de observação, buscando realizar reflexões acerca do telejornal com base em perspectivas da Teoria Geral do Imaginário.

Sabemos, com base na Teoria Geral do Imaginário, que somos, enquanto seres humanos, influenciados tanto pelas coerções sociais, tópico de muitos estudos de Comunicação, quanto pelas pulsões do imaginário, que por sua vez são mais profundas, antropológicas, e independem dos interesses e ideologias presentes na sociedade. Dessa forma, é impossível dizer que o imaginário poderia ser utilizado, conscientemente, com algum tipo de pretensão anterior, pois não temos controle sobre isso.

É pressuposto, quando trabalhamos com a Teoria Geral do Imaginário, alinhada aos pensamentos de Gilbert Durand, que o imaginário vem antes das construções sociais, ou seja, antecede toda e qualquer intenção sociológica e cultural que podemos ter enquanto indivíduos ou instituições e independe delas para manifestar-se. Posto isso, ressaltamos que, dessa forma, não é nosso intuito no presente trabalho realizar uma análise sociológica, pensando nos agenciamentos de ideologia possíveis dentro das produções analisadas, mas sim entender como o tema da morte se manifesta na televisão brasileira de acordo com as pulsões do imaginário, que são inerentes a todo o ser humano, independentemente de qualquer fator externo.

PERSPECTIVAS ANALÍTICAS

Como já citado, tomamos como corpus desta pesquisa a edição do Jornal da Band do dia 11 de fevereiro de 2019, data em que aconteceu o acidente de helicóptero que levou à morte do jornalista Ricardo Boechat e do piloto Ronaldo Quattrucci. A matéria observada mais atentamente tem duração de 4 minutos e 57 segundos.

Percebemos a emoção muito presente na matéria, trazendo a sensibilidade à tona, de forma que, pensando pelas coerções sociais, observamos que o tradicional (e de certa forma ultrapassado) conceito da objetividade jornalística acaba dividindo espaço com esta sensibilidade que aproxima e fideliza os espectadores com o telejornal e com os jornalistas.

Sabemos que a morte é uma temática delicada e que exige uma postura definida por parte dos telejornais, no entanto, percebe-se, nas produções contemporâneas, uma exploração do sensível em relação à temática, observando que mesmo quando a pauta por si só já é bastante tocante e delicada, a forma como é conduzida pode ainda aumentar essa característica.

Sabemos que a morte afeta o ser humano, basta olharmos para os ritos de morte que eram realizados já nos períodos pré-históricos, que unidos ao sagrado, buscavam uma forma de lidar com a perda dos entes queridos e de fato concretizar o rito de passagem daquele indivíduo. Essa

necessidade de lidar com o sentimento, seja da forma que for, é que caracteriza nossa humanidade e que faz parte do imaginário enquanto pulsão. A forma como cada sociedade irá proceder o rito de morte e lidar com o sentimento varia, e nesse caso é advinda da coerção social.

Para melhor organizar a análise consideramos prudente iniciar realizando uma decupagem da matéria em questão, na tentativa de observar os detalhes trazidos pela produção jornalística para então de fato proceder com a análise.

DECUPAGEM DA MATÉRIA EM QUESTÃO

O Jornal da Band⁹ tem seu início com Fábio Panunzio fazendo a introdução da matéria, o jornalista tem a fala rápida e o semblante de seriedade, Fábio ressalta a importância da figura de Boechat para o jornalismo. Na sequência, entram vídeos de telespectadores, cobertos por comentários do jornalista, feitos através de nota coberta. São abordados temas como o pós-acidente, a estado da área do acidente e é dado enfoque especial no estado dos veículos (helicóptero e caminhão) após o ocorrido, o fato de os dois terem morrido carbonizados também é levantado. Em seguida, em off¹⁰, fala-se sobre o trajeto do helicóptero, em seguida entra passagem¹¹ do jornalista Rodrigo Hidalgo falando sobre o que originou o acidente e como ele se deu. O capitão da Polícia Militar Rodoviária, Augusto de Paiva, é novamente entrevistado, falando sobre o ocorrido.

Na sequência, off falando sobre o horário da tragédia e destaque para a entrada ao vivo do jornalista José Luís Datena, uma hora após o ocorrido, em seu programa Brasil Urgente. É transmitida toda a entrada feita por Datena, que se mostra visivelmente abalado e

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XoGs4gQpidY>. Acesso em 14 de junho de 2019.

¹⁰ De acordo com o site Casa dos Focas: “Na reportagem de TV, o texto narrado por um repórter é conhecido como ‘off’, que significa locução coberta por imagens” (Web, s/p).

¹¹ O site Casa dos Focas explica passagem: “Normalmente é assim: o apresentador chama a reportagem, mas o repórter só vai aparecer no meio ou no fim dela. Essa aparição do jornalista é conhecida como “Passagem” – um jargão do jornalismo de TV que identifica quando o repórter está “on” na matéria, ou seja, quando ele aparece falando diretamente com os telespectadores durante a reportagem gravada” (Web, s/p).

emocionado com a morte de Boechat. A fala do jornalista é pausada, embargada, e traz relatos pessoais de momentos com Ricardo. Ao fundo de Datena, foto de Boechat.

Off sobre as condições do helicóptero e detalhes sobre a empresa. Entra entrevista com Miguel Rodeguero, diretor da Associação de Pilotos, falando sobre a manobra de autorrotação, feita pelo piloto do helicóptero em questão, e garantindo que a mesma é segura e treinada por todos os pilotos, o que corrobora com o ponto de que a tragédia de fato se tratou de um acidente. A matéria encerra com Miguel comentando que o tempo de vida do helicóptero não influencia em seu bom funcionamento.

REFLEXÕES

Como já comentado anteriormente, a morte é dinamizadora de muitos sentimentos diferentes, com os quais o ser humano tenta lidar desde o início dos tempos, e se tratando de uma figura pública e do contexto em que estamos inseridos, tais sentimentos acabam por transbordar as fronteiras do particular e passam a também estarem presentes nas telas da televisão e nas mais diversas mídias.

No caso do Jornal da Band, emissora da qual Ricardo Boechat era vinculado, podemos observar uma forte presença de sentimentos, o que é reforçado pelo fato de que os jornalistas que estavam relatando o caso não estavam somente na posição de profissionais, mas também na de colegas que perderam um companheiro de profissão em uma tragédia.

Se o temor da morte é, de acordo com Durand (1997), um agenciador do imaginário, é preciso que entendamos, em acordo com a Teoria Geral do Imaginário, que esse temor da morte pode ter diferentes impactos no ser humano, manifestando símbolos de luta e dominação, mais associados ao Regime Diurno da Imagem, e/ou de eufemização, associada ao Regime Noturno. É importante ressaltarmos também que tais símbolos não são dados claramente e que, nesse sentido, não é possível segmentar estruturalmente alguma situação em determinado regime. As estruturas propostas por Durand, longe de almejem uma

racionalização do simbólico, pretendem apenas indicar caminhos possíveis dentre as muitas possibilidades que permeiam o inconsciente coletivo, agrupando imagens simbólicas em grandes constelações através da homologia.

É comum que observemos, em momentos de perda de alguém próximo, que os entes busquem lembrar características da personalidade e histórias vividas com a pessoa perdida, numa tentativa de manter sua lembrança positiva, ou que seja realizado algum tipo de ritual para que o ciclo se complete (o próprio funeral e suas particularidades apresenta-se como um exemplo disso). Ora, não podemos esperar que tal pulsão, tão fortemente arraigada ao ser humano seja de todo expulsa da produção jornalística ou estaríamos, assim, prezando por uma racionalização que além de provavelmente impossível de ser concretizada, seria ainda maior da que estamos inseridos na atualidade, considerando nosso contexto evidente de desencantamento do mundo (CONTRERA, 2017).

A morte é, nos dias de hoje, ainda uma instância de muita força simbólica, que apesar de dominada também pelos efeitos do desencantamento do mundo, citado acima, permanece agenciando e motivando o ser humano em uma relação com o simbólico. Ao observarmos os colegas de profissão de Boechat contarem histórias pessoais ao vivo na televisão, deixarem as lágrimas cair e lembrarem as características do amigo perdido, não podemos falar apenas da possibilidade de sensacionalismo que a televisão brasileira e as diferentes mídias trazem consigo, mas é preciso que pensemos mais a fundo sobre como a morte afeta profundamente o ser humano, levando-o a, pelo menos por ora, abrir mão das durezas muitas vezes impostas à prática jornalística para de alguma forma honrar o amigo que se foi ou deixar inundar-se pelo sentimento que vem à tona.

Em grande parte dos rituais de morte que conhecemos, o que os entes queridos buscam fazer é trazer a lembrança daquele que se foi de uma forma leve, lembrando das características positivas e de momentos bons. É o que podemos perceber também na forma como o Jornal da Band traz a imagem de Boechat: nos trechos de vídeo e nas fotos trazidas

pelo jornal observamos que o jornalista vítima da tragédia aparece sorridente, feliz e tranquilo.



Figura 1: Frame 1'27'' do Jornal da Band. Fonte: Reprodução/ Jornal da Band.



Figura 2: Frame 2'17'' do Jornal da Band. Fonte: Reprodução/ Jornal da Band.

Podemos ver, conforme supracitado, que o semblante do jornalista é, em todas as imagens, de calma e serenidade. A escolha de tais imagens técnicas para representar o

jornalista colaboram para o ritual de morte que de alguma forma foi construído na produção jornalística em questão. Não há sentido em mostrar o amigo querido, em seu “funeral”, de alguma outra forma que não seja aquela que sempre se lembrarão dele: pelos seus pontos positivos e amizade.

É dessa forma que compreendemos a produção construída no momento da morte do jornalista Ricardo Boechat no Jornal da Band. Todos os profissionais que de alguma forma estavam envolvidos na produção do telejornal eram, de certa maneira, conhecidos do jornalista em questão, fossem amigos próximos como podemos perceber ser o caso de Datena, fossem mais distantes como provavelmente eram alguns membros da equipe. O fato é que estava-se reportando à morte não apenas de um jornalista reconhecido da televisão brasileira, mas antes disso: estava-se dando a notícia da morte trágica de um amigo querido praticamente em tempo real.

Assim, praticamente não há outra possibilidade para o ser humano que é inundado de sentimentos e de pulsões simbólicas a todo o tempo, a não ser a de transformar aquele momento de dor e de necessidade de exteriorizar a notícia através de um ritual, de alguma forma. Lidar com a morte não é um passo simples de ser dado para o ser humano, conforme nos fala Morin (1988), é por esse motivo que foram criados e seguem presentes em nossa sociedade até hoje os rituais de morte: para serem um momento de sacramentar a lembrança daquele que se foi e dessa forma possibilitar, para aqueles que ficam, um conforto e entendimento. Ora, no contexto do telejornal, ter de não apenas lidar com o seu sentimento interior, mas precisar transmiti-lo para todo o restante do país, faz com que tenham de ser agenciados pelos jornalistas, no âmbito do inconsciente, formas primeiras de lidar com a situação.

As lágrimas, as imagens de semblante feliz, as histórias de momentos vividos contadas naturalmente são típicas do ser humano que fica e que precisa lidar com a passagem de alguém próximo. Se estamos inseridos em um contexto social onde as notícias são dadas

instantaneamente e através de diversas tecnologias, o ser humano através de suas pulsões cria uma forma de lidar com a situação: somos impelidos a trazer o ritual (talvez menos eficaz, pois demasiadamente exteriorizado) para dentro das tecnologias.

De fato, possivelmente o ritual que se faz para milhões de telespectadores em um canal aberto de televisão não seja tão eficaz simbolicamente para o indivíduo quanto o ritual primeiro, realizado em conjunto com um coletivo de sujeitos que também passam pela mesma situação. No entanto, é ele que surge como tática possível para enfrentar a situação que se coloca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, cabe resgatar que a morte é uma temática de difícil abordagem e que mexe com sentimentos do ser humano. É um tema dotado de complexidades, que requer ponderações aprofundadas e que está constantemente na pauta dos veículos de comunicação. Desta forma, o seu tratamento nos meios de comunicação é um assunto bastante delicado e que requer constantes reflexões por parte dos jornalistas.

Neste trabalho, direcionamos-nos a pensar a morte no telejornalismo e tomamos como foco de olhar o falecimento de um jornalista bastante conhecido no cenário brasileiro. A morte de Ricardo Boechat foi noticiada amplamente pelos mais diversos veículos de comunicação e a emoção de colegas de profissão foi levada ao ar.

No caso do falecimento de Ricardo Boechat no contexto de transmissão da emissora Band, por se tratar não só de um conhecido jornalista no cenário brasileiro com uma carreira consolidada em diversos veículos de comunicação, mas também de um colega de trabalho, a cobertura do caso se deu de forma diferente e foi dotada de emoções. Sensibilidades foram demonstradas diante do falecimento do colega, amigo ou parceiro de trabalho. A comunidade jornalística se viu diante da missão de cobrir a morte de um de seus membros.

Ao tratarmos da finitude humana, como falamos no texto, vale reiterar a importância de dispensarmos um olhar mais apurado para as veiculações e para os enunciados dispensados pelos meios de comunicação, os quais, muitas vezes, podem parecer invisíveis aos olhos do público. Cabe ao analista desvelar sentidos que, muitas vezes, parecem ocultos entre textos verbais e imagéticos.

REFERÊNCIAS

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Estudos do imaginário: a iniciação como método. **Imag (em) inário: imagens e imaginário na Comunicação**. Porto Alegre: Imaginalis, 2018. P. 22-36, 2018.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Comunicação e Imaginário: uma heurística. In: DE CARLI, Anelise Angeli; BARROS, Ana Taís Martins Portanova (org.). **Comunicação e imaginário no Brasil: Contribuições do grupo Imaginalis (2008 – 2019)**. Porto Alegre: Imaginalis, 2019. P. 27 – 51.

BARBOSA, Marialva. **A morte imaginada**. In: GT Comunicação e Sociabilidade na XIII Compós. UMESP: São Paulo, 2004.

CASA DOS FOCAS. **Telejornalismo: como fazer um off**. Disponível em: <http://www.casadosfocas.com.br/telejornalismo-como-fazer-um-off/>. Acesso em 15 de fevereiro de 2021.

CASA DOS FOCAS. **Passagem: quando um repórter aparece**. Disponível em: <http://www.casadosfocas.com.br/passagem-quando-um-reporter-aparece/>. Acesso em 15 de fevereiro de 2021.

CASA DOS FOCAS. **Mini-Glossário do telejornalismo**. Disponível em: <http://www.casadosfocas.com.br/mini-glossario-do-telejornalismo/>. Acesso em 15 de fevereiro de 2021.

CONTRERA, Malena. **Mediosfera: meios, imaginário e desencantamento do mundo**. Porto Alegre: Imaginalis, 2017.

DASTUR, Françoise. **A morte: ensaio sobre a finitude**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

DCM. **Caso Coaf**: entenda a investigação que envolve a família Bolsonaro. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/caso-coaf-entenda-a-investigacao-que-envolve-a-familia-bolsonaro/>. Acesso em: 21 de maio de 2019.

DURAND, G. **A Imaginação Simbólica**. 6º. ed. Lisboa: Edições 70, 1993.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Flores, 1997.

E BIOGRAFIA. **Ricardo Boechat – jornalista brasileiro**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/ricardo_boechat/. Acesso em: 21 de maio de 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

IG. **A vida e carreira de Ricardo Boechat em fotos**. Disponível em: <https://gente.ig.com.br/cultura/2019-02-11/ricardo-boechat-fotos-momentos.html>. Acesso em: 21 de maio de 2019.

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA. **GLOSSÁRIO DE TERMOS COMUNS NO JORNALISMO**. Disponível em: <https://dtic.ifsc.edu.br/wp-content/blogs.dir/2/files/gloss%c3%a1rio-imprensa.pdf>. Acesso em 10 de fevereiro de 2021.

MEIO&MENSAGEM. **Reveja a trajetória do jornalista Ricardo Boechat**. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/02/11/reveja-a-trajetoria-do-jornalista-ricardo-boechat.html>. Acesso em: 21 de maio de 2019.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Portugal: Publicações Europa-America, 1988.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX**: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MORIN, Edgar. **O método 5**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NEGRINI, Michele. A Morte no Jornal Nacional. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v. 7, p. 150-164, 2010.

PITTA, Daniele Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Recife: UFPE, 1995.

SILVA, J. M. **As Tecnologias do Imaginário**. 3º. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SIMMEL, George. A metafísica da morte. Trad. Simone Carneiro Maldonado. **Política & Trabalho**, ano 14, n.14, João Pessoa, PPGS-UFPB. Setembro 1998, pp.177-182.

TERRA. **Boechat acumulou prêmios em quase 50 anos de carreira**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/ricardo-boechat-acumulou-premios-em-quase-50-anos-de-carreira-relembre.27d16dd0d06a125a0d6cbe08e7a9a40cvzmeqr2z.html>. Acesso em: 21 de maio de 2019.

YOUTUBE. **Jornal da Band**: Ricardo Boechat critica postura de Flávio Bolsonaro diante do caso Coaf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=94qQAmdhCzo>. Acesso em: 21 de maio de 2019.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

NEGRINI, Michele; DIAS, Bibiana de Moraes. Morte e telejornalismo: ponderações sobre a cobertura do Jornal da Band na morte de Ricardo Boechat. **Revista Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 14, pp. 190-208, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2763-9398.2021v14n.60541/>.